

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÀS DAMAS VIMARAENSES

SUMMARIO—Amabilissimas leitoras, A REDACÇÃO—Nymphas, F. Martins Sarmiento—Traduções de Victor Hugo, A fonte, Conde de Margaride— sob um crucifixo, Conde de Margaride—Violetas e Amendoas, Braulio Caldas—A Braulio Caldas, Antonio Guimarães—A pomba, Eugenio Sanches de Castro—Esperança, Virginia de Abreu—Esmaltes, Alberto Silveira—Depois de Deus... Ella, Padre José Fernandes Guimarães—O Camaleão, F. Costa—O Natal, Padre M. L. Martins—Penumbra, Julio Martins—Nora e Sagra, Guy—Boletim elegante, Redacção—Não pode ser, um Ginja—O dia de hoje, Albano Bellino—O Fim de anno, Albano Pires—Ao publico—Diploma—Correspondencia, A Redacção.

25 DE DEZEMBRO DE 1886

BRINDE ÀS NOSSAS ASSIGNANTAS

AMABILISSIMAS LEITORAS



A intensão de provermos ás faltas que, embora involuntariamente, temos commettido, cuja causa tem sido unicamente a falta de papel equal ao dos numeros anteriores, resolvemos offercer-vos este numero como **BRINDE**, proporcionando-vos assim uma leitura amena e delectosa pela variedade e primor dos seus artigos.

Eis a consoadá que vos offerece

A REDACÇÃO

GUIMARÃES 25 DE DEZEMBRO-1886

TRADUÇÕES DE VICTOR HUGO

—♦♦♦♦♦—

AS NYMPHAS



HAVERÁ dous annos foi encontrada perto dos Laranjeas uma ára consagrada ás Nymphas.

Pensará muita gente que, se voltasse do outro mundo o nosso avoengo que adorou aquellas divindades e perguntasse por ellas, perderia o seu tempo, porque as coitadas estão mortas e enterradas, ha cousa de 15 seculos, como todos os deuses do paganismo.

Quem tal pensar engana-se. As Nymphas não morreram ; passam de perfeita saude n'um mundo sobrenatural «sul generis», em que o povo acredita cegamente, e que não é mais que o Olympo pagão, conservado na tradição ininterrupta das gerações, bem que scffrivelmente deturpado, como é de supôr.

Assim, as Mouras que por ali apparecem a lavar meadas d'ouro nas correntes d'agua; que vogam pelos rios abaixo, sentadas em pedras fluctuaveis como se fossem de cortiça; que fazem seccar de repente uma preza, em revindicta da perrice que lhes fez o dono d'ella etc. etc., não são senão as Nymphas aquaticas, com as lendas dos seus tempos aureos, perpetuadas atravez dos seculos pela tradição oral. As offer-tas que ainda actualmente se levam a algumas fontes, o curativo de certas molestias á beira d'ellas, não são tambem senão, o primeiro facto um resto do culto das Nymphas, o segundo indicações muito claras sobre o campo d acção, em que a sua influencia miraculosa se revelava.

O passado está mais proximo de nós do que parece; e quem se ri das superstições e crendices do povo ignora que é n'ellas que se encontram os mais importantes elementos para a reconstituição historica da sua vida moral e para o conhecimento das suas origens ethnicas.

19—12—86.

F. MARTINS SARMENTO.

A FONTE

OFFERECIDA A S CLASSES ANTAGONISTAS

Juncto á fonte onde uma aguia a sede apaga;
Seu antro formidando um leão tem;
Dois heroes, bravos reis, sina aziága
Lá vae junctar tambem.

Rivaes, mal se conhecem mutuamente,
Rompem, cegos, em lucta, atroz, mortal;
Duplo baque se ouvio no chão tremente;
Derruba-os morte igual.

Ao vêr, ja um, ja outro, moribundo,
A aguia, mais de vaidosa que por dô,
Crieis—lhes diz—para ambos pouco o mundo?!
... Sois hoje apenas pó ! !

O' victimas miserrimas do orgulho !
Inda hontem vossos ossos só vigor,
Envolto amanhã no humilde entulho,
Terão d'elle o valor !

E porque, loucos príncipes, tal guerra ?
Para que tão feroz emulação ?
Nós vivemos em paz, os dois, na serra,
Eu, aguia, elle leão.

Ambos vamos beber á mesma fonte;
Julgamo-nos reis ambos no logar :
Eu deixo-lhe a floresta, o valle e o monte;
Conservo o imperio do ar.

CONDE DE MARGARIDE.

—♦♦♦♦♦—

SOB UM CRUCIFIXO

OFFERECIDA A MEU TIÓ LUIZ MARTINS

Tu, que choras, busca este Deus, que chora;
Tu, que soffres, busca este Deus, que cura;
Tu, que tremes, ao doce Deus procura;
Tu, que passas, ao Deus, que fica, adora.

CONDE DE MARGARIDE

Coimbra.

VIOLETAS E AMENDOAS

N'um fio das tuas tranças
Violetas vou atar;
E esse «bouquet» de esperanças
E' o brinde que te vou dar.

São brinquedos, são usanças.
Bem sei; mas quero ganhar
Os docitos que as crianças
Recebem pelo foliar.

E tu deixas-me, comendo-as,
Sugando o mel das amendoas
Na tua bocca rosada.

E depois... depois... teus labios
Une-os muito aos meus... e abre-os...
N'um beijo de consolda.

Coimbra, Dezembro 86.

BRAULIO CALDAS.

A BRAULIO CALDAS

Cosmo achava-se sob o dominio das trevas; o trabalho era impossivel no seio das sombras; o homem anhelava *crear*; pediu a Deus o fanal que o alumiasse na senda a seguir; Deus deu-lhe a mulher. Surgiu a luz; com ella o progresso e a liberdade; o amor e o trabalho; o orgulho e o estimulo.

Estava constituida a sociedade.

ANTONIO GUMARÃES.

A POMBA

Tomo a doce liberdade,
de te fazer um presente,
vendo a tua ingenuidade
dou-te uma pomba innocente.

Has de conchegal-a ao peito
dispensar-lhe o teu carinho...
ai como lhe invejo o leite...
ai como lhe invejo o ninho!...

Coimbra.

EUGENIO SANCHES DA GAMA.

A MULHER

O typo da esposa leal, como o da donzella pudibunda, não se hade procurar nas legendas da Grécia ou de Roma, havemos de buscá-lo e adoral-o em Maria, mãe dos affectos puros e dos amores castos.

D. SEVERO CATILINA.



MULHER, o thema eterno dos mais alevantados assumptos, deve ao christianismo tudo que a exalça e engrandece, tudo que a embelleza e encanta, tudo que lhe dá respeito e dignidade, dedicação e amor.

Glorificada no Golgotha, mãe da humanidade, tem prodigado á mesma todos os beneficios, todas as venturas, todos os encantos que a cada passo experimentamos no variegado kaleidoskopo da existencia, atravez as formosissimas personificações, em que se destaca, como filha respeitosa, irmã desvelada, esposa querida e mãe adoravel.

Filha, irmã, espoza e mãe, quatro accidentes da vida, que são quatro poemas exuberante de belleza, quatro edealidades fulgentissimas, ou antes quatro realidades completas, que nos fornecem os melhores momentos da vida, que nos mitigam os maiores agores da existencia, que nos dispensam as mais gratas recordações do viver!...

Convença-se a mulher d'esta grande verdade e terá a sociedade muito que lucrar, a religião muito que bem fazer e o homem muito que aprender.

—N'um periodico, consagrado ás damas, que o honram com as suas assignaturas, não parecem despropositadas estas edeas, que são a expressão da verdade, despida de todos os adornos, vasada nos moldes eternos da verdade infinita.

P.º ABILIO DE PASSOS.

A ESPERANÇA

À MINHA AMIGA—ELVIRA AREIAS

BIL-A ! mimosa e branca como o nenuphar dos lagos ! Os seus olhos, que brilham como duas esmeraldas, tem uma expressão suave e boa, a confortar a pobre humanidade, que penosamente se arrasta, por entre os penhascos do Calvario.

Eil-a ! terna mãe, a affagar cariciosamente a perfumada cabecita do rosado bébé, que pranteia inconsolavel a perda do seu mais querido joujou. Eil-a ! mais carinhosa ainda, a sorrir ao orphãosito abandonado que, tiritando de frio, adormece nas lageas humidas da calçada. Esse, ouve mais distinctamente a sua voz que lhe murmura uma canção terna, do que o infante mimoso reclinado em fofo colção. Eil-a ! a alentiar o marinheiro, que da amurada do navio contempla inquieto as vagas a encapellarem-se, e erguendo os olhos á aboboda esterellejada, o avista junto á pólar, a redizer-lhe o nome da mystica Estrella dos mares. E o homem do Oceano confia e tranquilisa-se.

A cabeceira da casta donzella, que sorri aos primeiros sonhos de uma adolescencia auspiciosa, vela solícita e de mãos dadas, com o anjo tutelar da virgem. E mais tarde quando a mulher cerra débalde os olhos, para emballar-se nas miragens d'outr'ora, ella toma docemente com suas mãos delicadas aquella fronte pendida pelo soffrimento, encosta a bem perto do seu coração, envolvendo-a nas longas progas do seu bello manto verde. Eil-a ainda, compassiva, junto do atribulado muribundo que se contorce penosamente, em immensa agonia, e a avista, sorridente, acs pés da Cruz, que elle aperta febrilmente contra o seu coração, que bate as derradeiras pulsações.

Só o suicida a não quiz vêr ! Esse, affastou-a brutalmente de si, com a ponta do punhal; fechou os olhos para o não captivarem os sorrisos feiticieiros

d'aquella virgem formosa ! Fez mal; que ella nem ao menos despreza o infeliz, que acorrentado marcha para a gelada Siberia; penetra nos presidios africanos e sobe tranquillã, a par com o condemnado, os degraus do cadafalso. E se, em algar sombrio, jaz abandonado, miseravel mortal, ella ahi deslisa mansamente a derramar uma gota do seu precioso balsamo. Onde ha uma lagrima a enchugar, um sorriso a liberalisar, ahi é o seu mais querido lugar.

.....
ESPFRANÇA ! meiga virgem do christianismo, deixa me encostar a minha fronte febricitante junto do teu coração, que pulsa tranquillamente ! Esconde-me nas dobras d'esse teu manto, feito de uma alcatifa do Ceo ! Consola este coração magoado, que soluça a aria do Cysne muribundo ! Sorve-me com teus labios macios o pranto que borbulha de meus olhos, com a violencia das lavas do Ethna ! Emballa-me em tens braços, que tem a suave flacidez dos arminhos !

Longe de ti, o vendaval das paixões mundanas rugo furioso, com a bravesa do urso das cavernas; o homem despedaça o seu semelhante com a estúpida coragem do gladiador romano, ou a feresa do gavial, nos pampas do Amazonas.

Esses, que deixaram de te ver, nada esperam, porque nada crêem.

Eu porem, que te amo, seguir-te-hei com a presistencia da Chananêa.

E tu, que és boa, porque és santa, que escutaste uma a uma as pulsações do Coração da Virgem, que nos sorriste no Presépio, nos alentaste no Golgotha, dulcificar-me-has a vida, animar-me-has na morte, para que ao finir-me eu possa repetir placidamente, com o poeta da «Harpa do Crente»—

Hora extrema, eu te saúdo !
 Salvé, ó trevas da jazida,
 D'onde espera erguer-se á vida
 Meu espirito immortal !

Vieira, 1886.

VIRGINIA D'ABREU

o co
 de p
 das flo
 pluma
 homem
 crê, gr
 vos em
 rogante
 roismos

ESMALTES

(A BRAULIO CALDAS)

Julgava ver-te, loura, ao despontar d'aurora,
 N'um sonho matinal-á voz das cotovias—
 Pallida como a flôr, que o vendaval descôra
 Quando passa cantando agudas symphonias
 Na tua mão, rival do jaspe e do marfim,
 Havia uma boceta airosa e perfumada
 Da rendilhados mil, d'uma attracção sem fim.
 Era um mimo, um primor, a peça contornada
 De perolas sem par; incrustações brilhantes
 Scintilavam all em vívidos lampejos
 Como astros de luz em regiões distantes
 Na orchestra universal de divinas harpejos.
 H' dissato-me então: eu trago aqui occulte
 Um lindo diamante, a joia mais perfeita
 Qu'inda crystallizou; e, pois erar, ha muito
 Eu v'ha procurar-te alegre e satisfeita
 Para t'a offortar; e percebi então
 Que vinhas collocar-me o diamante enorme,
 Como um astro no azul, por sobre o coração
 —Um coração gelado, um coração, que dormo.

Cercou-me brandamente a luz do diamante
 Como n'um limbo doce o pobre coração
 E senti-me acordar em um paiz distante
 Por sob o ceo do amor, em outra região.

*

* *

A joia que me deste, assombro de bellezas,
 N'essa noiva encantada em que sonhei contigo,
 Em que tinhas no olhar celeste morbidez
 E no rosto o alvôr d'esse marmore antigo,
 E' esse immenso amor, que derramaste em dia
 Na negra escuridão do meo triste viver
 Como um raio de luz n'uma noite sombria
 E nas mãos d'um forçado um beijo de mulher.

Coimbra

ALBERTO SILVEIRA

DEPOIS DE DEUS... E! LA

(Ao meu amigo Custodio Freitas)

PATRIA!... O amor casto e
 puro que te consagra o filho de
 grandes metropoles, o pastor
 de alpestrissimas montanhas,
 o colono da pobre aldeia, cintada
 de pinheirae, o negro no coração
 das florestas, o selvagem, coroado de
 plumas, no meio das matas virgens, o
 homem finalmente que ama, adora e
 crê, gravou nos annaes de todos os po-
 vos em caracteres de oiro, façanhas ar-
 rogantes, triumphos inolvidaveis, he-
 roismos sem par.

Assim é porque o homem nunca
 foi humillimo escravo das aves, dos
 reptis e das feras. Não ama a sinistra
 e agoureira ave a briza nocturna dos
 cemiterios, e pouzada n'um galho de
 cipreste não adora os fogos esverdeados
 que resaltam da valla commun ?

Não ama o abutre as fendas gra-
 niticas, talhadas nos pincaros das serra-
 nias, e não adora os ventos do mar que
 lhe assobiam em redor das setteiras
 musgosas a aria terrifica das procellas?
 Não ama a poetica andorinha o seu
 torrão querido, emigrando em nuvens
 condensadas que chegam a toldar o es-
 paço ?

Não ama o plumoso cantor das sel-
 vas a riba umbrosa dos arroios, a folha-
 gem escura dos bosques, as fontes lus-
 traes rodeadas de rozeiras, aonde em
 ninhos de setim, ouve ciclar os beijos
 murmurantes da limpha, os requebros
 da viração nas folhagens dos carva-
 lhaes, os suspiros das roseiras desen-
 tranhando botões, suspiros que valem
 idilios amorosos, acompanhados pela
 musica das fontes ? Não ama a borbole-
 ta o calice do jasmin aonde dorme, sor-
 vendo aromas, respirando perfumes,
 bebendo o nectar suavissimo que alli
 tremula brilhante, como se lá mesmo
 palpitasse um coração apaixonado?
 Não ama o chagal os lençoes nivosos
 estendidos nas chapadas da Samaria e
 os barrancos que o escondem aos olha-
 res penetrantes dos filhos de Jacob?
 Não ama o tigre os matagaes das bre-
 nhas, viveiro uberrimo de succulentas
 preias, se no meio de tufos immensos
 conserva a caverna cruenta, povoada de
 nervos tostados e de ossadas alabastrinas?
 Não ama o castor o seu castello
 principesco, rendilhado a capricho,
 construido sobre um largo de prata li-
 quida, fluctuante e mysterioso, como
 uma gondole veneziana, formada de
 brocados e perolas ? Não ama o verme
 o dorso negro do cetacio putrido, que
 as ondas enojadas arrojam ás solitarias
 praias ?

Tudo ama a terra onde nasceu : é

portanto justo que o homem a ame também até derramar o sangue por ella, se preciso fôr; porque esta pequena porção d'argilla a que chamamos—homem— é duplamente real !!!

Tem o diadema da intelligencia e a purpura do coração !!!...

Padre José Fernandes Guimarães.

O CAMALEÃO

Quer alguém que não passem de ficção,
D'uma grosseira crença, puro invento,
As taes côres mutaveis e alimento
Do bichinho chamado camaleão.

Eu tambem sou da mesma opinião;
Sei que muda de côres, mas sustento
Que não enche a barriga só de vento,
Mas de sardinhas, bacalhau e pão.

Talvez assim não fosse antigamente,
Quando o povo comia pataratas,
Não hoje que elle é mais intelligente;

Hoje não come coisas tão baratas;
O vento é para a vela, para o dente
Acha melhor carneiro com batatas.

F. Costa



Natal é omnimodamente memorando.

Religiosamente, é o complemento de todas as promessas de Deus, e o esse de todos os mysterios do Christo—é o brilho de uma estrella sepultado no esplendor de uma aurora.

Historicamente, signala o acumen do imperio pela força derruindo-se dia a dia pela força da palavra—centurias de dragonarios impotentes ante o heroismo dos cruciferos.

Scientificamente, demarca o percurso ascensional do espirito humano na perscrutação de Deus e do homem, base de toda a sciencia: cahem os

taes, e concebe-se, adora-se, um Deus infinito, que não se comprehende, mas entende-se não ser outro, *credo ut intelligam*, então ser homem é ter direito a ser irmão e alvorecem os grandes ideaes de fraternisação e amor. E' por isso que esta festa é naturalmente domestica, porque a familia tem a pureza d'um sacrario e é santa como a religião, tem paginas em branco onde só se escrevem grandes festas e grandes dores, e é provida como a historia, tem um altar e incenso para Deus e um throno e o respeito para o homem, e practica a sciencia.

E naturalmente domestica e social porque religiosa é principalmente da mulher.

A primeira mulher quando chorava as lagrimas da sua culpa na terra ainda virgem, semeava espinhos, mas já o Natal promettido annunciava flores, e a Mulher Bemdita quando constellava do seu pranto a «creche» do seu Jesus chorava lagrimas de alegria santa.

Extravasem-se hoje calices d'estas lagrimas, mas bemditas tambem se algumas burbulharem n'uma explosão de dôr... essas não germinarão espinhos mas... saudades.

Padre M. L. Martins.

PENUMBRA

E sempre que a luz se some
e sempre que a noite desce,
a dôr que á terra apparece
é dôr p'ra que não ha nome.

é que isto de luz é fome
que nunca desaparece,
nem por mais astro que assome,
nem por muito sol que houvesse.

O pranto que chora a rosa,
o lyrio, os montes, o abysmo,
não ha nada que o afaste...

Mas eu choro mais, e mais
quanto é longa e paucissima
a noite em que me deixaste...

Coimbra.

JULIO MARTINS.

NORA E SOGRA

Uma dama a certa amiga,
Como brinde delicado,
Offertou-lhe sua sogra
N'um retrato bem talhado
Sobre um plano galante,
Tudo d'alcorça formado.

Logo que foi recebida
Dadiva tão primorosa,
A amiga provou-a em breve,
E disse mui generosa :
«Nem de doce minha ssgra
«Deixa de ser amargosa !...»

GUY.

BOLETTIN ELEGANTE

Desde o dia 6 até ao dia 23 do
corrente fizeram annos as ex.^{mas} snr.^{as}:

Dia 6—D. Deolinda Faria
Abreu.

Dia 13—D. Rosa Adelaide Frei-
tas da Cruz Basto.

Dia 15—D. Alzira da C onceição
da Silva Martins.

Dia 16—D. Bernardina Augusta
da Rocha Felgueiras.

Dia 23—D. Josephina Victoria
Ribeiro Gomes d'Abreu.

Desde o dia 27 do corrente até ao
dia 3 de Janeiro, fazem annos as ex.^{ma}
snr.^a.

Dia 27—D. Maria de Oliveira
Pinto Basto.

Idem — D. Maria de Oliveira
Pinto de Carvalho Souza e Silva.

Dia 28—D. Emilia Ernestina Coe-
lho.

Janeyro 1887 :

Dia 1—D. Sophia Elvira Leão
da Cruz.

Idem—D. Virginia de Jezus Ba-
ptista.

Dia 5—D. Maria Henriqueta de
Mello Sampaio.

NÃO PODE SER

Uns versinhos para as damas !
Mas poderei eu fazel-os ?
Tenho cá em casa umas,
Que amuariam de zelos;

E entre servir as estranhas
Ou ás minhas attender
Acho melhor não dar nada
P'ra me não comprometter.

E que podia eu ganhar,
Se vos dissesse que sim ?
Se ainda ganho com damas,
E' com damas de marfim.

UM GINJA.

O DIA D' HOJE

.....Como vinha
Nos frios de dezembro
De regalados fartes coraolo
Aquecer corpo e alma
Co' o vinho quente, co' os meizidos-ovos
E farta comezana!

Natal em Loulres — GARRETT.



FESTA do Natal tem a sua ori-
gem nas praticas pagãs que se
costumavam celebrar a proposito
do solsticio do inverno cujas cerimoniaes ce-
ram as de Mithras, na Persia, e de Odi na
Scandinavia.

Com referencia á festa d'este dia, é curi-
osa a diversidade de costumes na Russia,
na Dalmacia e no Meio-dia da Europa
christã; mas nada ha mais curioso nem
mais caracteristico do que o modo como é
celebrada no Noruega.

A proverbial hospitalidade dos norueguenses,
não se limita, porem, a socorrer a indigen-
cia que vagueia pelas ruas ao acaso a tritar
de frio e a estadar de fome: para que as cre-
aturas aladas tomem parte no grande festim,
colocam no telhado das suas casas uma ga-
mella de milho em torno á qual volitam os
famintos habitantes do ar.

Ouvem-se então uns canticos aereos, que
as avesinhas intom, como recompensa nos
beneficios recebidos.

A festa do Natal celebra-se pois em toda a parte com epiparas banquetes, cantos d'alegria e outros entretenimentos adequados á occasião.

Entre nós é tambem costume saborear menus deliciosos e haurir garrafas de Champagne e vinho fino, tudo *calafetado*: pudim, sopa dourada, sonhos, creme e outras gulofices com que os confeitheiros adornam as suas vitrines.

Eis tudo o que constitue a magnificencia da festa, exceptuando os nossos camponezes a quem a escassez de recursos pecuniarios obriga ao classico bacalhau frito com assucar,

Albano Bellino.



O FIM DO ANNO

Ex.^{mas} Senhoras:



QUANDO me obrigam a escrever para V. Ex.^{as} sinto-me verdadeiramente entusiasmado e ao mesmo tempo comovido, por ter de cumprir uma tarefa superior aos meus recursos litterarios; e, então fallo a sós commigo: Foram infelizes! Digo infelizes, porque penso, que, para prender a delicada attenção de V. Ex.^{as} a um escripto, torua-se necessario, indispensavel, apresentar-lhes um primor litterario, captivador, crystalisado por um estylo sublime: sendo cada letra um prenuncio da idea, cada syllaba o reflexo da verdade, cada palavra um pensamento, cada oração um verso, cada phrase uma estrophe e cada periodo um poema!

Eis o que eu não posso realizar, deprimindo assim tão elevada como honrosa missão de depositar nas mimosas mãos de V. Ex.^{as} uma saudade ao anno, que foi a aurora do „Bijou“ que consagrou a sua vida a tão distinctas damas.

*
* *

É ordem primordial do mundo: tudo o que chega a ver a luminosa aurora da vida, terá infalivelmente como crepusculo o remate da existencia.

Assim é. O anno, depois de assistir a um sem numero de aventuras, umas graciosas como o meigo sorrir da creança; incantadoras como a alvorada de um magnifico dia de primavera; outros tristes como a dôr e horribeis como a desgraça; está prestes a tocar a meta da sua peregrinação, aonde vai

terminar o ultimo dos seus trezentos e sessenta e cinco dias!

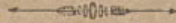
É logico; tudo o que é novo faz esquecer o que é velho! E, esta minha asserção que á primeira vista parece duvidosa, vai brevemente ser confirmada pelo TEMPO, que nada respeita e tudo reduz ao nada.

Ao anno, se é permitido uma saudade!

*
* *

Vou terminar esta missão, minhas senhoras dezejando que o novo anno que está prestes a dar entrada no dominio do presente, seja a tutillante estrella que vá diffundir no sagrado sauctuario da familia de V. Ex.^{as} as mais prosperas felicidades!

ALBANO PIRES.



AO PUBLICO

A Redacção resolveu vender na rua da Rainha, n. 26, 50 exemplares d'este numero BRINDE, e o seu producto revertirá em beneficio dos presos da cadeia.

O preço de cada numero é de 50 reis.

DIPLOMA

É uma mimosa homenagem ás distinctas damas vimaranenses que cooperaram para a bandeira da commissão de vigilancia, ou um primor adereçado com os nomes das patrioticas damas o diploma com que nos brindou o ex.^{mo} sr. Conde de Margaride no dia 28 de novembro.

Reconhecidos agradecemos a s. exc.^a tão sympathica offrenda.



CORRESPONDENCIA

Alumnos do Collegio Academico, Braga. Penhorados agradecemos o convite com que nos obsequiaram, para assistirmos ao sarau escholar realisado no dia 5 do corrente.

Recebemos da nossa distincta colaboradora a ex.^{ma} snr.^a D. Virginia de Abreu, a discrição d'esta sympathica festa, a qual publicaremos no proximo numero.

Typ. de GURZ.

zia-ll
a eno
até q
seu m
nava a
a ella a
tanto E
vezes d
então fi
ao men
nhia, m
as cread